

Atitude analítica¹

Elizabeth Lima da Rocha Barros,² São Paulo

Estive envolvida e refletindo sobre a questão da educação analítica por vários anos em diversas comissões no Brasil e na International Psychoanalytical Association (IPA).

Faço aqui uma síntese de meu posicionamento diante da questão do que constitui a *atitude analítica*, com base na minha longa experiência clínica e como resultado de minhas reflexões e discussões formais e informais com colegas de diferentes culturas e posturas teóricas.

A *atitude analítica* não é fruto, na maioria das vezes, de um dom natural. Ela pode sustentar-se numa rica sensibilidade inata para as formas do sentimento, mas sempre dependerá de novas articulações para se ampliar.

Sensibilidade não é estática. É **algo a ser ampliado, descoberto, entendido e aprendido com muito esforço**. Atitude analítica sustenta-se nas formas de sensibilidade para o sentimento humano e se consubstancia num tipo de Escuta Especial e numa habilidade construída ao longo do tempo para transformar “fatos” em eventos mentais.

A fala do analista, para produzir mudança psíquica, necessita transformar-se numa experiência vivida.

Sensibilidade é uma qualidade enigmática, algo não passível de ser aprendida formalmente, mas composta de vivência, experiência e, sobretudo, da estimulação de nosso sentir, de nossa percepção e de nossa capacidade de apreender a forma das coisas e dos sentimentos a partir de múltiplos ângulos. Talvez pudéssemos falar de uma prontidão para a experiência estética ou encantamento. Assemelha-se ao que Leopold Nosek (2017) caracterizou como *Disposição para o assombro*.

Não nos esqueçamos dos escritos de Flaubert, Balzac, Proust, Cassirer e Langer sobre o desenvolvimento da sensibilidade, para mencionar apenas um punhado de autores, sem deixar de mencionar, no campo da Psicanálise, o clássico *Analytic Attitude*, de Roy Schafer (1983).

Iniciarei com uma brevíssima síntese teórica para, a seguir, trazer a vocês um exemplo tirado de uma narrativa clínica, a fim de refletirmos sobre a natureza dos diversos tipos de escuta possíveis.

Dentre os maiores feitos de Freud está a descoberta de um tipo absolutamente novo de relação humana: *a relação analítica*, estabelecida por meio da

1 Agradeço a Vera Regina o convite. Honrada e desafiada. Aula inaugural ministrada em 4 de agosto de 2018.

2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

situação analítica. Esta é instaurada, não preexiste naturalmente, precisa ser construída.

É preciso salientar também que, *embora o inconsciente tenha uma existência contínua, não é sempre que este se manifesta e pode ser observado*. Da mesma forma que, ao nos darmos conta de um possível significado inconsciente no material do paciente, não significa que este esteja também preparado para compreendê-lo.

Detectar e compreender a presença de formações inconscientes por parte do analista e dirigir-se a estas interpretativamente é algo bastante diferente. Como no aprendizado de uma nova língua, o desenvolvimento de uma atitude analítica demanda uma imersão num universo semiótico que vai além da linguagem e é até então desconhecido. Universo este muito distinto de nossa maneira usual de pensar e, por esta razão, a formação analítica demanda tanto tempo, dedicação, estudo, tolerância, paciência, humildade e paixão.

Penso que a formação analítica propicia algo bastante distinto de uma especialização profissional, ao promover um aprofundamento da sensibilidade voltada para uma melhor compreensão do mundo que nos rodeia. Nesse sentido, ao adquiri-la, *esta nos transforma*, tornando-nos argutos observadores de como vivemos. Nessa linha, é algo que estará presente para sempre, independentemente de praticarmos ou não a psicanálise em nossos consultórios. Assim, o analista constrói-se também como um pensador da cultura.

É tristemente evidente que isso também poderá não ocorrer se a sensibilidade não se desenvolver e a pessoa se tornar apenas um profissional liberal aplicando mecanicamente os conceitos analíticos sem, no fundo, compreender seus alcances. É por meio de nossa sensibilidade que absorvemos os conceitos psicanalíticos na prática clínica.

Já mencionei e quero *acentuar, ressaltar, sublinhar* que, para ser analítica, nossa escuta não pode ser apenas empática.

Embora acredite que a Teoria da Interpretação seja central no desenvolvimento da atitude analítica, não vou, neste momento, me estender sobre os aspectos teóricos envolvidos por ela. Mas devo enfatizar que é a resposta interpretativa que instaura a Situação Analítica.

O analista, para constituir-se como tal na sessão, responde ao paciente quase unicamente por meio de interpretações. Uma interpretação não pode ser confundida com uma fala distante, oracular, atribuidora de relações explicativas lineares, fruto de um saber nobre e superior, expressão de uma verdade única etc. Interpretar é compreender o sentido, é introduzir a dupla num universo semiótico com as nuances de uma *performance* musical.

Por tudo isso, gosto muito da expressão utilizada por Green em muitos escritos e em suas falas supervisivas e expositivas. Diz ele que, ao iniciar uma sessão, busca colocar-se na posição de analista. “Je me situe en position d’analyste” (2002, p. 190).

Situar-se na posição de analista é descolar-se do senso comum, é focar sua escuta em determinada direção, colocar-se num estado de espírito particular, ou seja, de esforçar-se para permanecer num estado de atenção fluante que poderia ser sintetizada, dizendo que trata-se de uma abertura onírica para as diversas configurações de sentido. Green reconhece as dificuldades inerentes à busca desse estado. Diz que “escuta” implica o entendimento de que os pacientes (assim como todos os indivíduos) operam *simultaneamente de acordo com várias lógicas* (2002, p. 191).

Prosegue sugerindo que um de seus focos refere-se à percepção da flutuação da conflitualidade interna do paciente e, de outro lado afirma: “considero a fala do paciente a partir do ângulo de a quem ele se dirige tanto do ponto de vista implícito quanto explícito, do[s] ponto[s] de vista consciente e inconsciente” (2002, p. 193).

Faz ainda duas observações centrais: “A singular alteridade que governa a relação analítica engendra também simetricamente a ideia de que a causalidade que governa o propósito daquele que fala modifica o estatuto do destinatário da mensagem” (2002, p. 191). *Ele se transforma de receptor em indutor da mensagem*. Aqui está a essência da noção de transferência apresentada de uma maneira não mecanicista. A análise por meio das intervenções do analista se dá neste intervalo.

Subjacente a essa formulação está presente a ideia de que o conflito interno não está sempre acessível de forma clara, pois a fala e/ou a gestualidade ora estão mais próximas, ora mais distantes daquilo que temos (Elias e eu), chamado de núcleo ou núcleos significativos da experiência. Esse termo foi, com grande probabilidade, inspirado inicialmente em Meltzer, que falava em *kernel of meaning*; independentemente, Green cria o termo *noyau significative* (1978, p. 190).

Voltemos à questão da atitude analítica que, como estamos apresentando, não é simplesmente natural, nem magicamente intuitiva, já que necessita ser descoberta, criada e desenvolvida, vale dizer, cultivada.

Como sabemos (ou deveríamos saber), o mundo do inconsciente e mesmo o da consciência não se confundem com a ideia de um mundo subjetivo profundo ou inacessível. O espaço do inconsciente é aquele que modifica a natureza mesma do representado. É um mundo habitado por representações de coisas não verbais, pulsionado. Também o mundo da consciência, na perspectiva analítica, não é o mundo do conhecido, do simplesmente lembrado.

Vou exemplificar agora, por meio de uma situação clínica, como diversas escutas podem estar presentes e só algumas serão analíticas.

Vejamos. Chega a paciente Claudia e me diz:

Puxa, como o trânsito estava ruim hoje. Cheguei 20 minutos atrasada. Não queria perder nada desta sessão.

Poderia, por exemplo, numa atitude natural e não singularmente analítica, nesta altura, concordar com ela que o trânsito estava realmente ruim hoje e que é uma pena que ela tenha perdido 20 minutos e, para tranquilizá-la, dizer que o importante é que ela chegou, que está aqui e deseja sua sessão de análise.

Para mim, isso representaria uma escuta benevolente, empática, parte talvez de um certo tipo de Escuta que teria como objetivo estabelecer uma aliança terapêutica, tal como propunha Anna Freud nos anos 1920 (1927/1946).

Todavia, eu preferiria esperar, deixar a ansiedade aumentar, mesmo quando meu estado de espírito fosse simpático à paciente que se atrasou, independentemente de sua vontade, por um fator alheio àquela.

Em seguida a paciente me diz:

Queria vir porque tive uma conversa importante com meu namorado. Falamos sobre casamento. Disse que estamos há muito tempo juntos e que precisamos ter uma definição do que queremos para nosso futuro. Necessitamos escolher, definir nossas vidas. Algo o impede de compreender o que estou dizendo. Ele me responde que devemos simplesmente gozar a vida, que em algum momento surgirá essa necessidade de decidirmos se nos casamos ou não. Diz que não está preparado, que depois virá a questão de termos ou não filhos etc. Eu acho que é imaturidade dele.

Eu comento:

O engarrafamento de hoje suscitou em você algo que talvez já estivesse em sua cabeça desde ontem e que era algo urgente para me contar. Você tem urgência em compreender coisas importantes a respeito de si para poder tomar decisões centrais em sua vida, pois não tem todo o tempo do mundo, não quer viver uma vida atemporal. É pressionada a fazer escolhas e a enfrentar obstáculos que não dependem apenas de sua vontade, como o trânsito, e estes a impedem, contra sua vontade, de chegar a uma melhor definição do que faz sentido em sua vida.

O próprio Freud nos advertiu de que uma interpretação relatada soa bizarra. Eu mesma, ao me ler, sinto que o caráter oracular eventualmente presente nesta fala descritiva inexistiu na sessão.

O “trânsito” aqui se tornou uma referência a obstáculos internos e à dificuldade em superá-los, mantendo-a paralisada. Para tocarmos nesse “algo mais” do que o simples acúmulo de automóveis, foi necessário que a ansiedade estimulada pelo trânsito fosse identificada em seus aspectos conotativos e pudesse florescer.

A paciente fica em silêncio e a seguir diz:

Estou muito preocupada com meu pai. Ele está bem, mas ontem fez vários exames que não estavam em sua programação de check-up anual. Ninguém me disse nada, mas noto uma atmosfera pesada em casa. Algo que não querem me dizer ou algo que eu não deva saber para não me preocupar ou para não enchê-los com perguntas incômodas. Isso sempre aconteceu em minha família. Não é fácil distinguir quando é algo destinado a me preservar do quanto meus pais simplesmente não querem que eu os encha com perguntas difíceis de serem respondidas por lidarem com a morte.

Vejam: nessa fala, há um “aqui e agora” e um “lá e então”. O “aqui” não se limita ou não se refere apenas a uma localização espacial (“aqui neste consultório”), nem necessariamente precede o “agora”, nem o “agora” se limita ao “aqui comigo”.

Trata-se de uma espacialidade e de uma temporalidade simultaneamente externa e interna, mesmo quando diz respeito a uma situação específica, e provavelmente se refira a um conjunto de situações traumáticas indigestas, tanto no sentido de “difíceis de engolir”, como no sentido de difíceis de representar adequadamente para torná-las pensáveis.

Cabe ao analista, por meio de uma *atitude mental analítica expressa em sua fala*, mobilizar o significado dessas concomitâncias, buscando tocar nas profundezas do inconsciente, num “lá” enigmático, não formatado, apesar de ser parte constituinte de uma das fontes do funcionamento desta paciente. O “agora e aqui” engloba também as conexões perdidas ou não ainda representadas que existem “lá”, num espaço desconhecido, e ao mesmo tempo “aqui”, presentes como determinantes de um sentir.

Esse “espaço desconhecido” também está na mente do analista em sua *rêverie*, um local distante onde a simbolização necessária ao pensamento possa se formar.

Digo-lhe que, além dessa atmosfera que ela capta na casa de seus pais, algo dessa mesma atmosfera parece estar sendo suscitado na sessão. É possível que ela sinta que alguma coisa esteja desviando minha atenção daquilo que ela está dizendo e, de fato, sentindo.

Não seria o mesmo que dizer que algo está dificultando tanto o trânsito dela dentro de mim quanto o dela para chegar a mim. É nesse contexto que se sente como a criança que está sendo “poupada” das aflições dos adultos. Nessa conjuntura, ou seja, nesse “agora e aqui”, ela fica paralisada, não se sentindo capaz de reclamar minha atenção e me pedir que tenha mais “atenção” e mais “respeito” para com ela.

Se tal ocorresse, poderíamos nos confrontar com a ansiedade relativa à passagem do tempo para ela (“não tem todo o tempo do mundo”, quer formar uma família, está se confrontando com a possível morte do pai) e para mim,

que sou mais velha, que posso estar sendo afetada por suas preocupações com a morte etc. Essas ideias são, naturalmente, especulativas e nos colocam diante da possibilidade igualmente do “lá e então”!

Penso que minha atitude de silêncio permitiu um incremento de sua ansiedade que a levou a um estado de espírito próximo ao que seria “o infantil”, carregado de medo pelo estado de espírito de seus objetos, preocupação com a finitude da vida, com a morte dos pais que a forçarão a ter uma atitude mais adulta, mas que ao mesmo tempo gera muita insegurança, mesmo nesta altura da vida.

Talvez no fundo de sua mente ela esteja preocupada com a possibilidade de mantermos nossa conversa num nível superficial e não abordando questões centrais para ela, como algo referente ao fim do relacionamento com o atual companheiro.

Não vou continuar me aprofundando no relato da sessão. Meu foco é a atitude analítica. Esta se configura, se estabelece e, de certa forma, é criada por um conjunto de pequenos pressupostos essenciais.

Embora eu saiba que o que ela me diz (seu discurso) não está conscientemente se referindo a mim, Elizabeth, sua analista, como pessoa ali presente, aquilo que me diz é *sugerido pela minha presença analítica*, e nossa tarefa analítica é levar esse discurso a uma outra dimensão de quem eu sou e represento, e a um outro tempo, que é o “agora” e ao mesmo tempo um “outro”, tempo do “lá e então”.

Outra maneira de tratar essa questão seria expressá-la, por meio das seguintes questões:

Para *quem* ela está relatando aqueles fatos que me conta. Quem sou eu inconscientemente? Seria uma parte dela? Ela mesma? Os pais? Um dos pais? Se forem estes, em que versão? E assim por diante.

Quando Claudia comenta sobre o trânsito e sobre a importância da sessão de hoje para ela, eu acredito que esteja relatando uma situação objetiva. Mas o que motivou a escolha desse relato?

Outro paciente, no mesmo dia, na sessão subsequente à desta paciente, iniciou dizendo: “Putá que o pariu! Que merda de trânsito! São Paulo não tem jeito”.

Fica claro, então, ou pelo menos eu espero que fique, que de meu ponto de vista eu não estaria facilitando o estabelecimento de uma Situação Analítica se apenas concordasse com ela sobre as condições do trânsito, se me associasse a ela no desgosto quanto ao atraso ou se lamentasse que tal fato tivesse ocorrido.

Todavia, sua fala seguinte sobre a atmosfera familiar, referente à saúde do pai, parece confirmar que minha interpretação a tocou e que estamos nos afastando da concretude do consciente. Esse afastamento da lógica momentânea que rege a concretude da experiência, a meu ver, é fruto da fala da analista, ao permitir que a ansiedade se expandisse.

No caso, se seguirmos à próxima fala, uma ansiedade ligada à morte, à finitude que a impede de ter certezas ou até opiniões que gostaria de evitar ter de avaliar se as perguntas corretas fossem feitas.

Muitas são as variáveis que a impedem de elaborar essas perguntas, ainda que algumas estejam próximas de sua consciência. Dentre elas, menciono o desconforto de sentir-se infantilizada e, nesta condição, não dispor de segurança para enfrentá-las. Mas não apenas isso. Ela é igualmente afetada pelo que a paciente interpreta como sendo meu “estado de espírito”, vivido por ela como não disponível para escutá-la. Por quê?

Não sei. É algo a ser investigado. Seria uma captação real, mas mesmo assim a inibição ao percebê-lo teria um significado. Seria uma projeção de algo indisponível nela? Seria uma mera reedição de uma situação passada e/ou presente? Seria o resultado da internalização dos pais, voltados um para o outro em cumplicidade silenciosa?

Aqui caberiam muitas outras especulações. São estas que vão construindo uma psicanálise balizada e mantida por uma atitude analítica.

Para terminar, quero citar um comentário de Bachelard (1996, citado por Pépin, 2016, p. 26), ao propor a questão de como se estabelece uma atitude científica. Diz ele que a primeira coisa a se fazer é “desorganizar o complexo impuro das primeiras intuições” O senso comum obscurece a atitude psicanalítica, e a intuição pura, em si, não é critério de validade para nada e só pode confundir a observação.

Referências

- Freud, A. (1946). *The Psychoanalytic Treatment of Children*. London: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Green, A. (2002). *La pensée clinique*. Paris: Odille Jacob.
- Meltzer, D. (1978). *The Kleinian Experience* (Vol. 3). Perthshire: Clunie Press.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. Perspectiva: São Paulo
- Pépin, C. (2016). *As virtudes do fracasso*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Schafer, R. (1983). *The Analytic Attitude*. London: Hogarth Press and The Institute of Psychoanalysis.

Elizabeth Lima da Rocha Barros
elizabethlrochabarros@gmail.com

Recebido em: 1/6/2018

Aceito em: 3/10/2018